

APRESENTAÇÃO DOSSIÊ

UM CURRÍCULO, NEGRO: ensinando a transgredir

A quarta edição de 2019 da *Revista Exitus*, por meio do dossiê **O que quer um currículo, negro?**, organizado pelos Professores Doutores Alexandre Fernandes (IFBA/UFSB), Eliana Póvoas (UFSB) e Renato Nogueira (UFRRJ), apresenta um conjunto de pesquisas interessadas em decolonizar o currículo e combater injustiças cognitivas. Como diria bell hooks, ensinando-nos a transgredir, este dossiê contraria o que se espera dos sujeitos subalternizados, a saber, a obediência. Traz à tona práticas escolares e estudos que contestam um currículo historicamente eurocentrado, masculino, branco, cisgênero, heterossexual, burguês, judaico-cristão. Problematisa o lugar das comunidades negras, dxs estudantes negrxs, dxs profissionais da Educação, com seus saberes identitários, políticos e estético-corpóreos, promove a visibilidade de currículos afrodiaspóricos.

Resultado da avaliação de mais de 60 textos, cuja engenharia de análise solicitou o empenho de 25 pareceristas, a empreitada demonstrou haver uma série de pesquisas de alta qualidade, as quais fomentam uma educação antirracista, contrariam a regulação da corporeidade negra e corroem a história do epistemicídio.

A primeira seção deste número traz a Conferência, **Em torno de uma epistemologia preta**, proferida por Alexandre de Oliveira Fernandes (Alexandre Osaniyyi), durante o “I Seminário Regional de Ensino e Relações Étnico-Raciais: Mulheres, Culturas e Políticas: Diálogos interseccionais, memória, poder e resistências no Sul Baiano”, promovido pela Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB. O autor coaduna o pensamento preto a outra mirada epistêmica: uma visão acolhedora, holística e ecológica, capaz de constranger a ingenuidade pós-colonial que desterritorializa os corpos/conhecimentos negros.

O primeiro artigo disposto neste dossiê problematiza identidades fixadas por meio de normativas e teorias escolares para a juventude negra. **Entre a aceitação e a fuga: a juventude negra em trânsito nos currículos escolares**, de autoria de Eliana Póvoas Pereira Estrela Brito, aponta para movimentos de capturas e resistências dos corpos de jovens negros aos lugares institucionais (pré)vistos pelos planejamentos curriculares. À moda dos estudos da diferença, movimenta(-se) (n)a teoria e não fixa identidades, construindo para o leitor, resultado de pesquisa instigante e desafiador.

Em seguida, encontram-se dispostos quatro estudos que, guardadas suas especificidades, versam sobre as relações étnico-raciais, Ciências e formação docente. Buscam combater o racismo institucional e colaboram para o fortalecimento da autoestima de cientistas negros e negras. O trabalho de Rodrigo Fernandes Morais e Antonio Carlos Fontes dos Santos, **A importância de um currículo com elementos afrocentrados para a constituição de uma visão epistemológica menos eurocentrada**, demonstra que a colonialidade do saber e do ser pode ser superada, apesar de entranhada no currículo e nas práticas pedagógicas eurocentradas. Assim, evidenciam aqueles autores, referências a uma ciência negra, convidando educadoras(es) de Física e Ciências a trabalhar para superação da baixa autoestima e do sentimento de inferioridade que por vezes imobiliza estudantes negras(os). Já Antonio de Assis Cruz Nunes, Luis Félix de Barros Vieira Rocha e Lucileide Martins Borges Ferreira, na perspectiva do ensino de Arte, descrevem a simbologia das cores usadas nas vestimentas das vodunsis e das ornamentações do salão. Em **O Baião de Princesas da Casa Fanti-Ashanti: um estudo cromático no ensino de Arte à luz da Lei n. 10.639/03**, contando-nos o que ocorre em um ritual religioso afro-maranhense, defendem que o ensino de Arte pode fortalecer a compreensão e a difusão da religiosidade de matrizes africana e afro-brasileira nos espaços escolares. Também confirmando a urgência de nos livrarmos de imagens estereotipadas e racistas acerca da produção científica, as autoras Bárbara Carine Soares Pinheiro e Arlene Santos Silva, por meio de **Químics negros e negras do século XX e o racismo institucional nas ciências**, recuperam a

trajetória de cientistas negrxs, xs quais atuaram durante o Século XX, destacando seu exemplo de luta e resistência. Trata-se de evidenciar o legado afrodescendente no âmbito técnico e científico da humanidade, problematizando o racismo institucional no desenvolvimento do trabalho e das carreiras acadêmica e profissional dessxs químicxs. Já **Currículo desoculto: outras vozes, outras epistemologias**, assinado por Débora Cristina de Araujo e Luís Thiago Freire Dantas, se propõe a refletir sobre o currículo predominante na educação brasileira, com o intuito de desocultar o currículo e propor ações concretas de valorização de princípios africanos e afro-brasileiros na formação docente.

Mais à frente, encontrará x leitor, dois artigos que versam sobre currículo, relações étnico-raciais e ensino de Língua Portuguesa. **Entre a omissão e o preconceito racial: Discurso-acontecimento**, de Dalva de Souza Lobo, Marco Antonio Villarta-Neder, Helena Maria Ferreira, utilizando-se do Círculo de Bakhtin, problematiza a proposição/implementação de currículos que abordem as relações étnico-raciais em cursos de professores de Língua Portuguesa. De autoria de Mariana Fernandes dos Santos, Flávio Biasutti Valadares e Yuri Miguel Macedo, **(Des)encontros para um currículo afrocentrado no Ensino de Língua Portuguesa na Educação Profissional técnica de nível médio integrada ao Ensino Médio**, posiciona-se contra práticas educativas tecnicistas, buscando caminhos afrocentrados para a promoção da igualdade racial e a descolonização epistemológica do ensino de Língua Portuguesa.

Ricardo Oliveira de Freitas, em **Educomunicação como recurso de midiativismo**, analisa iniciativas de midiativismo como práticas educacionais, incentivando o uso artístico de tecnologias como instrumento político. Neste texto, o autor afirma que esse tipo de ativismo promove uma militância que é sempre formativa e pedagógica.

Paradoxalmente e com o propósito de fortalecer a Comunicação, os estudos e as pesquisas que se opõe contra práticas de ensino racistas, estas interessadas em reforçar a dominação, o presente dossiê se encerra com texto em que o Senhor dos Caminhos e das Possibilidades, o comunicador

engenhoso dentre os Orixás, o Primeiro a Comer dá o tom do debate. Em seu **Pedagogia das Encruzilhadas: Exu como Educação**, Luiz Rufino insere Exu no centro de um projeto político/epistemológico/ético que critica as obras coloniais a regimentar a educação e investe em outras possibilidades de problematização da educação.

Enfim, percebe-se que o presente dossiê não esconde a que veio. Ele tem lugar de fala. Em tempos de rebaixamento dos discursos, acirramento do ódio e promoção de obscurantismos, demonstra de que lado está da história: opõe-se à monocultura racial, à colonialidade, reconhecendo que, para além de uma suposta neutralidade, o conhecimento não se reduz à pura informação, podendo alienar e reiterar estereótipos racistas, ou estar a serviço de um compromisso político, permitindo às pessoas viverem mais e serem felizes na Diferença, fortalecidas por uma Educação como prática da liberdade.

Este dossiê elabora e fortalece imaginários outros; não aceita a repressão dos modos de produção de conhecimento. Insurge-se contra valores assépticos de um mundo simbólico redutor e autolegitimado por uma ciência branca, masculina, eurocentrada, fálica, judaico-cristã. Trata-se de um espaço de esperança contra a sanha da perspectiva cognitiva única e supostamente universalizante.

É um dossiê negro: humaniza o conhecimento, evidencia, ratifica, corrobora e reforça para negras e negros o estatuto de humanos. Acolhe não negros antiracistas. Fortalece a luta. É um dossiê com currículo marcadamente preto, cujas miradas epistêmicas exurianas, afrocentradas, afrodiaspóricas, na contramão das necropolíticas e do necrobiopoder gestado na modernidade colonial e na razão universal, grita – parem de nos matar! – e não aceita o rebaixamento de nossa gente, nossas experiências, nossos saberes.

Alexandre Osaniyi
Instituto Federal de Educação da Bahia – IFBA
Email: alexandre.pro@gmail.com



ISSN 2237-9460

Eliana Póvoas Brito
Universidade Federal do Sul da Bahia – UFSB
E-mail: elianapovoas.ppger@gmail.com

Renato Noguera
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ
E-mail: renatonoguera@ymail.com